

VIVER, EXPERIMENTAR, (DES)TECER, RECRIAR, TECER, BUSCAR: TOALHA DE LER

Lara Jatkoske Lazo¹

Não me vejo e leio o mundo e os livros como no passado.

Sócrates dizia que era necessário “conhecer-se a si mesmo” para se poder alcançar o conhecimento das coisas. O homem é um leitor por natureza; reflete-se nas coisas ao que elas respondem. Mas, é realmente possível conhecer-se integralmente, se nos modificamos a cada momento?

Em 2015², lembranças de experiências vieram-me à tona. Pude rever-me lançada de outros tempos, com um olhar distante e analítico. Não voltei até o passado e me inseri nele; o passado se projetou no futuro e chegou até mim sob os olhos de um eu presente pensante. Coloco o meu ego antigo como terceira pessoa do discurso com quem a primeira (a contemporânea) conversa, sob o olhar leitor modificado pelas experiências da vida. Revivo o passado de forma diferente, porque aquela terceira pessoa não é mais o eu presente. Reanimo o ego antigo com o atual. Conheço-me ou só conheço facetas de um velho eu transformado pelo presente efêmero do olhar? Da primeira pessoa, a infantil, vi um olhar sonhador por um futuro distante e misterioso, que conversava com fadas e acreditava possível subir em arco-íris. Mas seu desejo era o futuro, a Esperança de algo que o tempo guardava. Olhando para a “fita branca” da infância, descubro, de inocência, só o branco do futuro no olhar infantil: a inocência diante da fatalidade de existir e não se poder vislumbrar a existência na totalidade; de ser um viajante com um destino incerto, com fé em algo que só deseja ser bom, mas que não pode vislumbrar; de sentir-se eterno; de só crer, aceitar a obrigação de existir e nela ter fé; a inocência da Esperança. Nunca vivemos realmente o presente, porque a esperança nos move e grita: - Avante! Ele é efêmero; em um átimo, torna-se passado, um foco num momento do movimento incessante da vida, como numa fita de filme ou como no Paradoxo da Flecha Imóvel do pré-socrático Zenão. O homem deseja projetar-se a frente no tempo a partir de um flash presente.

Eu, primeira pessoa, sinto-me, ao ver a minha terceira projetada no tempo, como que diante da Esperança e da Eternidade. Hoje, desenrolada a “fita branca”, procuro a inocência em mim e só a encontro na Esperança, mais tênue do que na infância, por causa da ausência do “devir-criança” (SCHÉRER, 2009, p. 191-209). Posso até aproximar-me da terceira pessoa, a infantil, mas nunca mais a serei, porque a razão e os clichês me impregnaram. Assim acontece, por exemplo, com

o artista criador: ele não se torna criança, mas compartilha sua vizinhança, intercâmbio entre-os-dois, em que o artista fornece-lhe o que ela ainda não tem (a capacidade de dar forma à experiência), enquanto ele recebe da criança o que deixou de ter: a franqueza de um olhar não obstruído pelos clichês. Devir-criança é retirar da página as imagens e as ideias feitas [...] (SCHÉRER, 2009, p. 208-209).

¹ E-mail: larajlazo@yahoo.com.

² Texto produzido como considerações pessoais das aulas de Epistemologia e Leitura, ministradas na pós-graduação da UNESP de Rio Claro, pelas Profas. Dr^a. Arlete De J. Brito e Maria Augusta H. W. Ribeiro (2015). Dedicado a elas e à Profa. Dr^a. Maria Rosa R. M. De Camargo.

Os clichês matam, aos poucos, uma parte da Esperança (a dos sonhos antigos e a da capacidade de sonhar novas possibilidades), com a razão ditatorial da sociedade, principalmente, a dominante.

Lendo, fui percebendo que a Esperança é a única forma de inocência existente e o motor da vida. Aniquilada pela fatalidade, como nos filmes “Alemanha Ano Zero” e “A Fita Branca,” a Esperança igualmente pode ser representada pela imagem atual do menino imigrante sírio morto numa praia da Turquia, após o naufrágio de seu barco (Demir, 2015). Em vez da foto de um adulto, eis que se mostra ao mundo uma imagem mais comovedora: a de uma criança morta. Que romance existencialista não teria escrito Dostoiévsky desta imagem? Os elementos e

o vocabulário, que usamos para desentranhar a narrativa que uma imagem encerra, [...] são determinados não só pela iconografia mundial, mas também por um amplo aspecto de circunstâncias sociais ou privadas, fortuitas ou obrigatórias. Construimos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do autorreflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. (MANGUEL, 2001, p. 28)

A foto destaca os pés, que não mais tocam o chão; os mesmos que caminhavam em busca do sonho, guiados pela Esperança, numa trajetória misteriosa e aventureira; os pés, contatos com o mundo, que após a iniciação do caminho pelas águas (o mar), não conseguiram levar a sua dona, a Esperança, a continuar sua trajetória, pois que morre e, com ela, a inocência. A Esperança não leva a um fim, mas a um caminho incessante enquanto vivemos, que é o percurso das experiências para a transformação do ser humano. Essa transformação é o que deseja a Esperança e o que envolve o bem e o mal. O caráter está em prova, como em Gil Vicente: Belzebu, mais uma vez, tentará os seus escolhidos: Todo Mundo. Ou, melhor, aqueles o escolherão. Na visão de Sartre, o livre arbítrio é nosso, um direito do ser humano, que dá forma ao mundo (SARTRE, 2009).

Assim, associo a trajetória humana, condensada nessa triste imagem, com histórias como as de Pinóquio, Jesus e Valjean; com a relação entre Gepeto e Pinóquio; Maria e Jesus; Jean Valjean e Cosette. Nas três, li a simbologia por um viés maçônico e rosacruz, sendo que Collodi e Victor Hugo, pelos textos, aparentemente tinham vínculos com estas ordens filosóficas, que trazem tradições simbólicas anteriores à Era de Cristo: o burro (jegue, boi ou jumento), na história de Jesus, é como os pés do menino sírio, o contato e o apego à terra, o trabalho necessário no mundo, a experiência como aprendizagem; tanto Pinóquio como Jesus e Jean tiveram a iniciação vencida através das águas e de longa e árdua trajetória: o ventre da baleia; a crucificação, após o que das chagas de Jesus vertia água; e os caminhos nos esgotos subterrâneos de Paris. Aí estão o trabalho, a provação do caráter, a iniciação e o autosacrifício pelo outro e pela própria transformação (renascimento), tal como é mostrada em o Asno de Ouro de Apuleio e representada pela idade de 33 anos de Jesus Cristo, o 33 maçônico do alcance da perfeição moral. Eneias também “vive” nessas histórias, tal como outros heróis, cujo ideal é vencer, primeiramente, a si mesmos. Tudo se resume na metamorfose do homem para um ser melhor, na luta entre o mal e o bem, entre o bicho e o homem, entre o demônio e o herói. Canta, essa luta, também Gil Vicente, em O Auto Da Lusitânia, em que Belzebu tenta Todo Mundo (os homens), só vivendo na sociedade, porque é ouvido por este. Belzebu é uma palavra, cujo sentido original era relacionado à transformação, à vida, à terra e ao deus-boi cultuado pelos antigos mesopotâmicos, deturpada pelos judeus ao sentido maléfico de Senhor das Moscas e Senhor do Esterco. Todos os heróis tiveram provações; foram abandonados pelas divindades à sorte, porque o livre arbítrio é direito de cada um; todos renasceram das águas e tornaram-se

mais humanos (Por exemplo: os heróis gregos choram, porque se humanizam à medida em que também se divinizam. Os homens e os deuses eram semelhantes na mitologia clássica); todos foram tentados pelo mal e o venceram. O garoto sírio não pôde continuar sua trajetória, simbolizando a morte da inocência, da Esperança, da humanidade e do futuro. Seus olhos cerrados representam as janelas do futuro fechadas. E isso é hediondo, porque atinge a Esperança de todos nós. Mostrar a sola dos pés, na cultura síria, indica repulsa, grande ofensa. O garoto repudia o mundo que o matou. Os sentimentos de todos se refletem no corpinho morto, que parece viver em forma de dor. A humanidade morre naquele indivíduo, renascendo nos corações de seus leitores, num forte tom existencialista. Assim que se sentiu Margarete Duras, vivendo o sofrimento em seu livro *A Dor*. Os leitores vivem na criação; os atores, na pele. O existencialismo torna-se, no aspecto de sentir, quase um impressionismo.

Após anos mudei a forma de ler, relacionando pontos como nunca antes, sentindo-me mais humana em minha trajetória. Os personagens tomam formas em mim e eu dou outras a eles.

Vejo a Fada Azul, a Estrela de Belém e o Pão, nas obras acima, como varinhas mágicas do desejo de transformação, quando este torna-se ação criadora. A leitura dos livros articulada com a leitura do mundo pode ser a varinha mágica no decorrer das experiências vividas. Viver, experimentar, (des)tecer, recriar, tecer, buscar: toalha De Ler. Fios criadores. O Grilo falante de Pinóquio (Consciência ou ditadura social?) canta na mente: Acorda! Leia! Ouça! Aja! Meu eu docente precisa aprender a usar a varinha mágica não só para encaminhar, mas para permitir a consciência e transformar; não ainda para tornar a criança um adulto, porém, para dar-lhe o direito de ser criança, de descobrir o mundo com a própria leitura, sem a ocultação do que denominamos realidade: “É nesse território ambíguo, entre posse e reconhecimento, entre identidade imposta pelos outros e identidade descoberta por si mesmo, que se situa, na minha opinião, o fato de ler” (MANGUEL, 2009, p. 96). Como humana, docente e, agora, como leitora que se descobre leitora outra, percebo que preciso olhar sem pressa para os lados e para cima; ao infinito das possibilidades e atentar para as “mitologias” (no sentido de códigos de Barthes), que enfeitiçam o homem em sua trajetória e o tendenciam. Relacionar as experiências à leitura; deixar de focar o chão limitador e olhar para o alto e à volta; tomar consciência do que dizem os signos e de como eu e as outras pessoas os leem, na quase vertiginosa ciranda linguística e semiótica do mundo. Só assim pode haver significativa transformação: “[...] Pinocchio somente aprenderá se não tiver pressa de aprender e só se tornará um indivíduo completo graças ao esforço de aprender lentamente” (MANGUEL, 2009, p. 98). Olhando para cima, damo-nos o direito de expandir a mente para um infinito de possibilidades, talvez parecido com o jeito das crianças, no entanto, mais contraído pela lógica e pela experiência de anos.

Segundo o poeta latino Ovídio, em *Metamorfoses*, a capacidade mágica de olhar para cima é ter Esperança e a possibilidade de se Transformar. Seguimos como Fernão Capelo Gaivota, que parte conscientemente para a busca da própria transformação; como Castaneda, o aprendiz do índio Don Juan, em sua árdua trajetória em *Viagem a Ixtlan*.

Em Pinóquio, a escola não é para crianças, é um trajeto à idade adulta, à negação da liberdade: “[...] não é um espaço onde se tornar uma criança melhor e mais completa, mas um lugar de iniciação ao mundo dos adultos, com suas convenções, suas exigências burocráticas, seus acordos tácitos e seu sistema de castas” (MANGUEL, 2009, p. 96 -97). A infância é negada, porque é subversiva. Pinóquio deve ser domesticado para ser mais uma marionete da sociedade. Ele não aprende a ler profundamente, porque, para tanto, precisa de tempo e na casa de Gepeto há relógios por toda a parte, fazendo-o se lembrar das limitações do ponteiro. Pinóquio é rebelde, preguiçoso e criança, condição perigosa para a sociedade, porque é livre de pensamento e vale pela pessoa que é e não por aquilo que desejam que seja. Como todos nós, o menino de madeira foi domesticado e sua mente tornou-se adulta. Percebo que nós, como o

boneco, deixamos o impossível para sermos o possível que é o exigido pela sociedade. Marionetes de um sistema, agimos conforme ele, uns mais, outros menos; que, aprendendo a ler com profundidade, ao menos podemos ter mais consciência das coisas num âmbito histórico e atual, tornando-nos mais capazes de transformarmo-nos e ao próximo. Tarefa difícil, porque ler profundamente, numa época em que a pobreza de experiência repudia o esforço e em que a tecnologia exige rapidez, eficácia e uma certa “desumanização”, requer muita força de vontade.

Aventurando-me pelas ideias de Benjamin, a leitura se esfazia pela pobreza da experiência, que vem se instalando em decorrência das guerras mundiais, da violência política e econômica e da tecnologia sobreposta ao homem. O poder capitalista, com sua fé de mercado, reza o “capital nosso de cada dia”, tornando-se, muitas vezes, mais importante do que o próprio ser humano. De sua concretude formal à hipótese e desmaterialização, através, segundo Agamben, do slogan dominador, instalou-se um ideal mais importante do que o próprio homem, que é assimilado pela Esperança e elevado a fim e não a meio. Essa Esperança acredita em um objetivo final para a sua trajetória: a riqueza e o poder. O meio até isso pouco importa. O homem começa a definir enquanto experiência e humanidade para se virtualizar. O caráter perde a vez, porque não dá crédito capitalista, enquanto que este cria símbolos de valor e de poder. O slogan se instala confortavelmente aos leitores incautos. Não seria uma personificação de Belzebu, como no canto de Gil Vicente? Aquilo que Todo Mundo quer?

Ler sabendo o que se está lendo.

Eis por onde ir!

Referências

AGAMBEN, G. Benjamin e o capitalismo. **Lo Straniero**. Roma. Trad. Selvino J. Assmann. Santa Catarina: Instituto Humanitas Unisinos, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520057-benjamin-e-o-capitalismo-artigo-de-giorgio-agamben>>. Acesso em: 5 set. 2015.

DEMIR, Nilüfer. Policial paramilitar turco investiga o local onde apareceu o corpo de uma criança imigrante numa praia de Bodrum, na Turquia. Globo.com, [São Paulo], 09 set. 2015. JPEG. Altura: 620 pixels. Largura: 1.082 pixels. 133,79 KB. Formato JPEG. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>. Acesso em: 17 out. 2015.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. (Coleção Elos).

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. (Coleção Obras Escolhidas, 1).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

MANGUEL, A. Como Pinocchio aprendeu a ler. In: _____. **Alfabeto da Esperança: escritores pela alfabetização**. Trad. de Vera Sarmiento e Catarina Eleonora Silva. Brasília: UNESCO, 2009. p. 89-99.

MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 19-33.

O Simbolismo maçônico de Pinóquio. **Revista Universo Maçônico**. ano IV, n. 12, 15 jun. 2010. Editora Novo Oriente

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SCHÉRER, R. **Infantis**: Charles Fourier e a Infância Para Além das Crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 191-209. (Coleção “Educação, Experiência e Sentido”).